



A saga do condado de Yoknapatawpha: sucessão temporal e transformações históricas¹

The saga of Yoknapatawpha County: temporal sequence and historical changes

Alessandra Carlos Costa Grangeiro ²

Resumo: Tendo como pressuposto a complexidade das questões relacionadas ao tempo, este artigo abordará a saga do condado de Yoknapatawpha, de William Faulkner, e a sua relação com a história do Sul dos Estados Unidos como possibilidade de apreensão da sucessão do tempo. Este estudo será baseado nas reflexões de Paul Ricoeur acerca da ampliação do conceito de mimese.

Palavras-chave: Tempo. História. Estados Unidos. Faulkner

Abstract: The complexity of issues related to time will be the assumption for this article, which will address the saga of Yoknapatawpha County, by William Faulkner, and its relation to the history of the southern United States as a possibility of seizure of the succession of time. This study will be based on the reflections of Paul Ricoeur about the expansion of the concept of mimesis.

Keywords: Time. History, United State. Faulkner.

Introdução

Há algumas perguntas acerca do tempo que têm ultrapassado séculos e conservado um grande interesse por parte de estudiosos. Dentre elas, podemos destacar as seguintes: o que é o tempo? É possível falar sobre ele? O que sabemos sobre o tempo? Como é o tempo? Embora ele seja evidente, parece inapreensível e aparece sob o signo do paradoxo: do ser e do não ser; do nascer e do morrer; do aparecer e do desaparecer; da criação e da destruição; do fixo e do móvel; da estabilidade e da mudança; da eternidade e do devir. Segundo Aristóteles: “una de sus partes ha existido y ya no existe, y

¹ Este artigo é parte dos estudos realizados pela autora em sua tese de doutorado intitulada *Tempo e memória na obra de William Faulkner* que será publicada, neste ano, pela editora Todas as musas.

² Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora na Universidade Estadual de Goiás. Diretora Acadêmica na Faculdade da Igreja Ministério Fama (Faifa). alessandraccosta@gmail.com

la outra ha de existir y no existe aún”³ (ARISTÓTELES, 1995 p. 84). Santo Agostinho (1996, p. 322), embora por caminhos bastante distintos, faz uma afirmação semelhante à de Aristóteles: “de que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro –, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio?”. Além disso, o tempo não possui um ser visível e apreensível e é descrito como a melhor e a pior das coisas e como transcurso, passagem do ser ao nada e do nada ao ser. Como puro devir, o ser do tempo é uma sequência de momentos que se excluem e, ao mesmo tempo em que introduz uma existência nova, nega uma dada existência. E ainda: pode-se reduzir o ser do tempo à noção de devir ou haveria em seu ser a permanência, a duração e a eternidade? Eternidade e tempo são opostos ou estão diretamente relacionados? Para essas questões sobre o tempo, várias são as respostas, e as hipóteses ora se complementam, ora se excluem. Por um lado, como finitude e devir, a experiência do tempo é sentida como terror; por outro, como aspiração à eternidade, é sentido como desejo de salvação. De todos esses questionamentos sobre o tempo há uma unanimidade acerca da sua existência: ele é um dos maiores mistérios relacionados à existência do homem e do universo.

Diante da complexidade do tempo, é difícil o consenso para sua abordagem. Entretanto, no que concerne aos dizeres sobre o tempo não há grandes divergências, pois quando nos referimos a ele sempre fazemos menção a relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade ou sucessão de eventos passados, presentes e futuros. O percurso sobre questões relacionadas ao tempo sempre apontará para aporias. A oposição entre o tempo da natureza e o tempo da consciência, ou seja, a separação entre a consciência e o mundo sempre procurará ser superada pela articulação desses dois tempos, conforme os estudos de Paul Ricoeur na obra *Tempo e narrativa* (três tomos). Uma das possibilidades dessa articulação seria, segundo Ricoeur, o tempo histórico, mas, ainda assim, a questão não é de todo resolvida. Tendo como pressuposto todas essas questões complexas relacionadas ao tempo, este artigo pressupõe a abordagem da obra literária

³ Uma das suas partes existiu, mas já não existe, e a outra haverá de existir, mas ainda não existe. (As traduções em rodapé são nossas).

como uma possibilidade de articulação simultânea do tempo da natureza e do consciência. Essa articulação faz com que o tempo apareça simultaneamente de forma sucessiva e simultânea. Tempo, história e memória aparecem de forma articulada na produção de Faulkner. Entretanto, considerando que, para consecução dos nossos objetivos, o artigo abordará a saga do condado de Yoknapatawpha⁴, a nossa ênfase será, então, sobre a sucessão do tempo, bem como sua relação com o desenvolvimento histórico do Sul dos Estados Unidos.

Não pretendemos de maneira nenhuma reconstruir a saga cronologicamente. Até porque essa reconstrução já foi feita pelos estudiosos de Faulkner.⁵ Mas queremos destacar os acontecimentos gerais e mais significativos que demonstram o início do processo de colonização nos Estados Unidos e o desenvolvimento do Sul até a década de 40 do século XX. Também não será possível reconstituir uma sequência linear, visto que alguns dos acontecimentos relacionados às famílias que formam o condado são simultâneos.

A relação da saga com a história do Sul dos Estados Unidos será feita tendo por base no estudo de Paul Ricoeur (1994, 1995, 1997) acerca da ampliação do conceito de mimese. Esse autor, com os olhos voltados ao que Aristóteles chama de mimese, aponta que o par mimese-*muthos* é insuficiente para saturar o sentido da expressão mimese *praxeôs*, porque o termo práxis está ao mesmo tempo ligado ao campo do real, pela ética, e ao campo imaginário, pela poética. Sendo assim, a mimese tem mais que a função de ruptura, ela tem a função de ligação, pois, por ela, é possível “a transposição ‘metafórica’ do campo prático pelo *muthos*” (RICOEUR, 1994, p. 77). Se isso é possível, terá de se preservar no significado do termo mimese uma referência que é anterior à composição poética. Ricoeur chama essa referência de mimese I e a distingue da mimese II, que é a própria composição da obra. Mais ainda, para esse teórico, a atividade mimética não está confinada aos limites

⁴ De acordo com a explicação de Faulkner, em *Faulkner in the University*, o nome Yoknapatawpha deve ser pronunciado York-na-pa-TAW-pha. Essa palavra, ainda segundo ele, é uma palavra da tribo Chickasaw e significa “água corre devagar sobre terra plana”.

⁵ Um exemplo dessa reconstrução está disponível em:
<<http://www.mcsr.olemiss.edu/~egjbp/ Faulkner/ Faulkner.html>>.

do texto, mas abre-se ao leitor, assim o termo mimese deve ser também estendido ao receptor da obra e estamos, portanto, no nível de mimese III. Todavia, para o alcance dos nossos objetivos, bastar-nos-á a referência que é anterior à composição da obra, ou seja, a mimese I.

A experiência prática: mimese I

Por mais inovadora que seja a composição da obra literária no que diz respeito à nossa experiência temporal, a composição da intriga está enraizada numa pré-compreensão do mundo e da ação. Relacionadas a essa pré-compreensão do mundo e da ação estão as suas estruturas inteligíveis, as suas fontes simbólicas⁶ e o seu caráter temporal. Se a intriga é uma imitação da ação, é preciso uma competência anterior: a capacidade de explicitação dos traços estruturais das ações de uma forma geral, ou seja, é preciso uma semântica da ação. E, se imitar é criar uma significação articulada da ação, é preciso uma competência complementar: a capacidade de identificar o que são as mediações simbólicas da ação. Essas mediações simbólicas são portadoras de caracteres temporais. Assim, é preciso levar em conta sucessivamente três traços: estruturais, simbólicos e temporais.

As ações implicam fins e remetem a motivos que evidenciam por que alguém faz ou fez alguma coisa. E ainda as ações têm agentes. Assim a pergunta “por quê”? não é incompatível com a pergunta “quem”?, pois identificar um agente e compreender seus motivos são operações complementares na trama. Os agentes quando agem, agem e sofrem em determinadas circunstâncias e a ação pressupõe um agir com o outro, daí a interação.

A questão, então, é estabelecer uma relação da compreensão narrativa com a compreensão prática que foi exposta. A resposta a esse problema evidencia a relação que é possível ser estabelecida entre a teoria narrativa e a teoria da ação.⁷ Essa relação, segundo Ricoeur (1994, p. 90), é dupla, pois é a

⁶ Ricoeur (1994, p. 92) considera a palavra símbolo no sentido que lhe deu Ernest Cassirer e que a antropologia estrutural adotou, ou seja, “as formas simbólicas são processos culturais que articulam a experiência inteira”.

⁷ Ricoeur toma esse termo no sentido dado pela filosofia analítica de língua inglesa.

um só tempo uma relação de *pressuposição* e de *transformação* (grifo do autor). Qualquer narrativa pressupõe, da parte do narrador e do seu auditório, uma familiaridade com termos tais como agente, fim, meio, circunstância, socorro, hostilidade, cooperação, conflito, sucesso, fracasso etc. Dessa forma, a frase mínima de uma narrativa é uma forma de ação que pode ser expressa da seguinte forma: X fez algo a Z na seguinte circunstância. E as narrativas têm, conforme Aristóteles, o agir e o sofrer humano como tema.

Mas, mais que fazer uso da trama conceitual da ação que nos é familiar, a narrativa acrescenta a essa traços discursivos. São esses traços que diferenciam a narrativa de uma simples sequência de frases de ação. Esses traços já não mais pertencem à ação em si, pois são traços sintáticos e a função deles é formar a composição das modalidades de discursos que os fazem ser reconhecidos como narrativos, seja narrativa histórica, seja ficcional. A explicação da relação entre a trama conceitual da ação e as regras de composição narrativa pode ser dada com base na distinção semiótica entre a ordem paradigmática e a sintagmática. Na ordem paradigmática, os termos relativos à ação são sincrônicos e, na sintagmática, diacrônicos. Nesse sentido, a compreensão de uma narrativa pressupõe o domínio das regras que governam sua ordem sintagmática.

Os recursos simbólicos são o segundo traço que sustenta a relação entre a composição narrativa e a compreensão prática. O fato de a ação poder ser narrada deve-se ao fato de que ela está articulada em signos, regras e normas, ou seja, ela é sempre “simbolicamente mediatizada” (RICOEUR, 1994, p. 91). O termo símbolo evidencia de imediato o caráter público da articulação significativa. O caráter público pressupõe que a significação que é incorporada à ação pode ser entendida pelos diversos atores do jogo social. A mediação simbólica, portanto, já possui uma textura antes de aparecer no texto. Por isso, os símbolos são significativos para a compreensão das ações, ou seja, é possível compreender tal ação em função do conhecimento de uma convenção simbólica. Dessa forma, nas palavras de Ricoeur (1994, p. 93), “o simbolismo confere à ação uma primeira *legibilidade*” (grifo do autor).

Ao termo símbolo também pode ser incorporada a ideia de regra, de norma e, nesse caso, tem uma função de regulamentação social. Assim, os códigos culturais como os genéticos norteiam as regras de comportamento e, por isso, dão ordem e direção às ações. Então, de acordo com as normas inerentes a uma cultura, as ações podem ser apreciadas ou reprovadas, isto é, elas podem ser julgadas segundo as regras de padrão moral que regem as condutas dos indivíduos. Essa valoração ligada inicialmente às ações pode ser estendida aos agentes que serão considerados como bons ou maus, melhores ou piores. Por esse caminho da antropologia cultural, Ricoeur alcança alguns pressupostos éticos da *Poética* de Aristóteles, mas demonstra que eles fazem parte do mundo prático e, portanto, do nível de mimese I. De acordo com Ricoeur (1994, p. 94), “não há ação que não suscite, por pouco que seja, aprovação ou reprovação, em função de uma hierarquia de valores de que a bondade e a maldade são pólos”.

O terceiro traço da pré-compreensão da ação que a obra, atividade mimética de nível II, pressupõe são os caracteres temporais. É importante fazer um exame dos traços temporais que permanecem implícitos às mediações simbólicas da ação e que são, pode-se dizer, instigadores de narrativa. O intercâmbio que a ação realiza faz evidenciar os traços temporais muito mais que a correlação entre as categorias da ação e as dimensões temporais tomadas isoladamente. Nesse ponto, podemos exemplificar com Santo Agostinho. Quando afirma que não existe um tempo futuro, passado e presente, mas um tríplice presente – o das coisas futuras, o das coisas presentes e o das coisas passadas – abre o caminho para se pensar a estrutura temporal mais primitiva da ação. Isso significa dizer que nossa prática cotidiana ordena esse tríplice presente agostiniano e o que mais importa é como faz essa ordenação, pois essa articulação é que é a instigadora mais elementar da narrativa.⁸ Uma vez que nossa prática cotidiana pode ser pensada pelo tríplice presente de Santo Agostinho e que o grande sentido da mimese I é, antes de imitar ou representar a ação, pré-compreender o que ocorre no mundo prático, no mundo do agir e do sofrer dos homens, podemos

⁸ Ricoeur prossegue na análise desse terceiro traço com o pensamento de Heidegger.

compreender como caracteres temporais presentes no mundo das experiências humanas aparecem nos limites da narrativa.

Em síntese, a pré-compreensão do mundo prático significa pré-compreender a sua semântica, a sua simbólica e a sua temporalidade. É com base nessa compreensão, comum ao escritor e ao leitor, que a tessitura da intriga é construída e, com ela, a mimética textual e literária. De outro modo a literatura seria incompreensível. Ao contrário, ela somente é compreensível porque configura na obra o que já figura na ação humana.

A saga do condado de Yoknapatawpha: um mundo social em mutação

Além das obras que fazem parte da estruturação da saga: *Sartoris* (1929), *O som e a fúria* (1929), *Absalão, Absalão* (1936), *Os invencidos* (1938), *O povoado* (1940), *Desça Moisés* (1942), *Réquiem para uma freira* (1951), *A cidade* (1957) e *a Mansão* (1959), queremos incluir, para reconstruirmos a tessitura da intriga, o apêndice da obra *O som e a fúria*. Ele foi publicado pela primeira vez em 1946, numa antologia de Faulkner, e, posteriormente, a pedido do autor, incluído em duas reedições ulteriores de *O som e a fúria*. A tessitura da intriga da saga alcança um período que vai de 1540 a 1950. A cobertura de um período de tempo tão longo faz jus aos objetivos de uma saga que, dentre outras características e objetivos, pretende fazer uma narração fecunda de incidentes em que não somente as ações individuais são importantes, mas as dos grupos inseridos em um espaço definido.

Esse período que tem início em 1540 remete a um tempo em que a área, nos Estados Unidos, que atualmente é conhecida como Mississipi, foi habitada por nativos americanos: os Chickasaw, no norte, os Choctaw, no centro e os Natchez, no sul. Não somente esses grupos habitavam a América do Norte, mas centenas de grupos indígenas, dentre eles os cherokees, os iroqueses, os algonquinos, os comanches e os apaches. A história desse povo foi completamente modificada pela chegada dos europeus (os ingleses não foram os pioneiros na América). Esses viam semelhança entre a ocupação da América e a de Canaã descrita no Antigo Testamento. Portanto, assim como Deus dera força a Josué para expulsar os cananeus da Terra Prometida,

também daria a eles para expulsar os nativos da América. Pastores puritanos fizeram sermões destacando essa semelhança. O sofrimento dos nativos continuou durante todo o período colonial e se intensificou, no século XIX, com a expansão para o oeste. Os quakers, menonitas, católicos e puritanos foram os ocupantes da terra.

A primeira data que aparece nas obras de Faulkner é 1699, ano do nascimento de Quentin MacLachan Compson, em Glasgow, na Escócia. Essa informação está no apêndice, inserido em *O som e a fúria*. Com as informações inseridas nesse apêndice é possível reconstruir a cronologia da família Compson.

O território dos Compsons tem origem em um rei americano denominado Ikkemotubbe, chamado de l'Homme e, às vezes, *l'homme* pelo irmão de criação, um Chevalier francês; ele doou parte de seus domínios ao neto de um refugiado escocês. A doação foi registrada por Jackson, um grande chefe branco de espada na mão. Logo de início sabe-se que a origem do domínio dos Compsons coincide com a problemática entre brancos e índios e, portanto, está relacionado ao processo de colonização dos Estados Unidos, o que será mencionado adiante.

No livro *Desça, Moisés* (1981b), no conto “O velho povo”,⁹ conhecemos um pouco mais acerca desse rei americano. No tempo histórico desse conto a natureza ainda não havia sido devastada pelo progresso. O menino Ike, Isaac McMaslin, nascido em 1867, se identifica com a terra e com o povo que a habita. Sam Fathers é seu mestre. É ele que o inicia na vida adulta, de acordo com os rituais indígenas. Sobre a origem de Fathers, assim relata o conto: “velho de setenta que era negro há duas gerações, mas cuja cara e porte eram ainda os do chefe Chickasaw que fora seu pai” (p. 128). Vejamos uma citação que esclarece bastante as informações iniciais colocadas no apêndice de *O som e a fúria*: “O pai dele era o próprio Ikkemotubbe, que em si mesmo pusera o nome de Doom.¹⁰ Sam contou isso ao menino...” (FAULKNER, 1981b, p. 128).

⁹ Esse conto deve ser lido juntamente com “O urso” e “Outono no Delta”.

¹⁰ Significa “Sina”.

O pai de Sam Fathers, Ikkemotubbe, deu a sua escrava mulata, que já estava grávida, a um de seus escravos que herdara de uma negociação que fizera com seu primo Mocketube. Por isso, o nome de Sam Fathers, em Chickasaw, significa O-Que-Teve-Dois-Pais. Dois anos mais tarde, Ikkemotubbe vendeu esse escravo com a mulher e seu próprio filho ao seu vizinho branco Carothers McCaslin, avô de Ike.

O relacionamento entre Ike e Fathers foi decisivo para a escolha de Ike de renunciar a terra que ele recebera de herança: “Eu lhe ensinei tudo o que existe nesta região colonizada’, disse Sam” (FAULKNER, 1981b, p. 135). Ele não considerava que a terra fosse dele, porque ela pertencia aos povos dos velhos tempos, antes de pertencer ao seu avô.

O livro *Desça, Moisés* é, na realidade, um romance interligado, por ser, ao mesmo tempo, um volume de contos. Os contos encerram suas histórias em si mesmas, mas interligam-se e esclarecem as outras histórias. Há neste livro dois temas centrais: as mudanças de relacionamentos entre o homem branco e o negro, considerando as transformações que ocorreram desde a era da fronteira, ou seja, do período de formação do Sul, e a transformação do relacionamento desses homens com a terra, pois esta deixa de ser despovoada e se transforma numa região que deve ser industrializada. Neste livro conhecemos mais pormenorizadamente a árvore genealógica de mais uma ilustre família que vive no condado: a família McCaslin. Com essa família, Faulkner cria, ficcionalmente, um ciclo de miscigenação e de incesto. Por isso a árvore dessa família registra a descendência branca, a negra e a mestiça, visto que do relacionamento com a negra Eunice o velho Carothers tem uma filha, Tomasina, e com esta tem o filho Turl.

Em 1800, foi fundada, ao norte de Mississippi, por Doctor Samuel Habersham, a agência Chickasaw, que, mais tarde, será a cidade de Jefferson. Esses acontecimentos estão registrados na obra *Réquiem por uma freira*. Essa obra é dividida em três atos. Antes de cada um dos atos há a narrativa propriamente dita, carregada de anotações históricas. O primeiro ato da peça é precedido pela narrativa intitulada “O Tribunal”. A primeira cena começa justamente no tribunal, na ocasião do julgamento de Nancy. Se o julgamento se

refere ao tempo presente, a narrativa sobre o tribunal faz um longo percurso no passado e situa o leitor no contexto histórico e geográfico em que se dá a história do julgamento de Nancy. Vê-se, então, que a narrativa de Nancy foi inserida dentro de um contexto histórico muito amplo: o início do processo de colonização do Sul. Por essa narrativa ficamos informados acerca dos primeiros habitantes do condado de Yoknapatawpha.

A narrativa que evidencia o processo de colonização do Sul é muito importante e riquíssima em detalhes históricos que foram articulados dentro do espaço ficcional faulkneriano. É nessa narrativa que conhecemos a chegada das famílias que se tornam importantes no Sul e que povoam os romances de Faulkner como, por exemplo, os Sartoris, os Compsons, os McCaslin¹¹ etc. Além disso, sabemos, desde já, acerca do ideal de liberdade tão caro à nação estadunidense e, ao mesmo tempo, tão contraditório, pois em nome de um ideal de liberdade presenciamos o processo de transição do reino dos nativos para as mãos dos brancos.

A narrativa que precede o segundo ato é intitulada “A cúpula dourada”. Nela há os relatos da formação das cidades mais significativas como é o caso da de Jackson; da sequência do processo de colonização já bem mais avançado e disputado por várias nações européias; dos nomes e atividades mais significativas do Mississippi e da constituição do comércio e das leis. Essa narrativa precede o drama de Drake, diante do governador, na tentativa de salvar Nancy.

A última narrativa que precede ao último ato é intitulada “A Cadeia”. Na sequência da história de Drake, o cenário é justamente a cadeia, na ocasião da visita de Drake, juntamente com Stevens, a Nancy. Muito significativa essa narrativa e um dos pontos fundamentais dela é a apreensão das transformações históricas que ocorrem no Sul: “o tempo urgia” (FAULKNER, 1958, p. 234). A cadeia é, de certa forma, antropomorfizada, e é ela que acompanha as transformações: “e Tudo o Vento Levou” (FAULKNER, 1958, p. 272), os conflitos, as dificuldades, como é o caso da Guerra Civil com a consequente ruína das grandes famílias aristocráticas e a ascensão das

¹¹ Todas essas famílias possuem suas árvores genealógicas e os livros que compõem as sagas tratam de forma geral e/ou específica acerca dessas famílias.

grandes famílias capitalistas. Apesar de todas as transformações, há sempre o que permanece resistente, o que caracteriza o caráter dialético dos movimentos históricos.

Dando prosseguimento ao desenvolvimento da saga, queremos abordar acerca da família de Sutpen. Ela também possui ligação com o rei americano chamado Ikkemotubbe, um autêntico e feroz pioneiro. Sobre essa família pesa uma maldição e esta é expandida ao Sul dos Estados Unidos. Essa maldição está relacionada ao incesto. A maldição do Sul também está relacionada à escravidão, ou seja, a destruição do Sul pelo Norte seria o castigo divino pela reificação de seres humanos. Thomas Sutpen nasceu nas montanhas do oeste da Virgínia, em 1807. A obra possui vários narradores – um deles é Rosa Coldfield, que conta toda a história que conhece da sua família a Quentin, personagem de *O som e a fúria*. Quentin já conhecia essa história por meio de seu pai que, por sua vez, ouvira-a de seu avô. A grande questão histórica de *Absalão, Absalão* está no nascimento e no desenvolvimento do condado de Yoknapatawpha, condado imaginário.

Em 1833, Sutpen chega à região e compra terras do chefe Ikkemotube e começa a construir seu império. Há boatos entre os habitantes de que ele enganou o velho índio. Adquire escravos, casa-se com uma jovem mocinha, irmã de Rosa Coldfield, participa da Guerra Civil Americana e presencia a derrocada do Sul e a ascensão dos novos-ricos: os Snopes. O trecho a seguir, da obra *Absalão, Absalão*, se refere às notícias da eleição de Lincoln e da destruição da terra pela Guerra Civil. A voz é de um narrador em terceira pessoa, mas o ponto de vista é de Judith, filha de Sutpen e Ellen, e é sobre ela que o narrador está falando: “Chuleando as rendas feitas com as sobras de fio e linha escondidas, pregando-as sobre as vestes, enquanto chegavam as notícias da eleição de Lincoln e da queda de Sumpter.” (FAULKNER, 1981a, p. 69).

A Guerra Civil ou Guerra de Secessão tem origem, desde o processo de colonização, na oposição entre Norte e Sul. Essa oposição começa inicialmente pela diferença de clima entre essas regiões. O Norte é mais temperado, semelhante ao continente europeu. Desde já, as colônias

estabelecidas nessa região estavam impossibilitadas de oferecer produtos agrícolas para a Inglaterra. No contexto colonial das Américas, é no Norte que se desenvolve uma economia voltada para os interesses internos e não aos metropolitanos. No Sul, o clima é mais tropical e, por isso, adequado à produção agrícola. Portanto, a colonização dessa região atendia mais aos interesses europeus. Esse fato já marca o interesse maior que tinha o Norte no processo de Independência. De acordo com Karnal (KARNAL et al., 2007, p. 58), “podemos identificar com clareza duas áreas bastante distintas nas 13 colônias.”

O Sul foi destruído pela guerra e a Revolução Industrial, que estava em andamento no Norte desde aproximadamente 1820, expandiu-se consideravelmente. A guerra fez o Norte enriquecer. Sua indústria têxtil, de calçados e especialmente a bélica, desenvolveu-se muito. Como a guerra ocorreu em solo sulista, o Norte também livrou suas cidades da devastação. O modelo do Norte predomina e é esse modelo que vigorará no Novo Sul. Entretanto, mesmo após a reconstrução do Sul, com os investimentos vindos do Norte, até a Segunda Guerra Mundial, embora tivesse havido avanço na industrialização, o Sul permaneceu basicamente rural e a saga do condado, nos permite a visualização dessa situação histórica.

Voltando à saga, John Sartoris nasceu, provavelmente, no Sul da Carolina. O livro *Sartoris* e *Os invencidos* são os que melhor nos relatam sobre a genealogia dessa família, bem como do envolvimento dessa família com a Guerra Civil. A história narrada em *Os invencidos* ocorre justamente nos dias dessa guerra. Nesse livro, conhecemos a bravura do coronel Sartoris, um grande herói. Ele, pela sua participação em defesa do Sul, torna-se lendário entre seus pares. Já em *Sartoris*, conhecemos a história do neto de John Sartoris, Bayard Sartoris, este era criança, em *Os invencidos*, e vivenciou as dificuldades da Guerra Civil. Nesse romance conhecemos a rivalidade existente entre os Sartoris, família aristocrática, que vive das ilusões do passado, e os Snopes, arrivistas e espertos para acumular dinheiro. No romance *Sartoris*, o centro é o velho Bayard Sartoris. Ele é o símbolo do velho Sul dos Estados

Unidos que sucumbe frente aos espertos homens de negócio como são os Snopes.

A história da ascensão dos Snopes começa no romance *O povoado*. Nesse romance, primeiro da trilogia dos Snopes, estão relatadas a chegada e a ascensão dos Snopes em Frenchman's Bend, um vilarejo que fora construído sobre um lugar que, um dia, tinha sido uma grande plantação. Essa trilogia será o fechamento da saga de Yoknapatawpha: decadência de uma sociedade e a ascensão de um novo mundo. O início da ascensão dos Snopes começa no momento em que os Varner lhes permitem ocupar uma fazenda para fazerem plantações e quando Jody entrega a direção do armazém a Flem Snopes. Eram comuns os arrendamentos de terras no Sul. Especialmente após a Guerra Civil, fazendeiros brancos perdiam seus títulos, ficavam endividados e não tinham outra alternativa senão o arrendamento.

Na década de 40, do século XX, os Snopes já dominavam no lugar da velha aristocracia. A aristocracia Compson foi findada pelos golpes de Flem e esses golpes finais são conhecidos pela leitura do livro *A mansão*. Flem se tornara dono do que restava da propriedade dos Compsons. Portanto, é no final de *A mansão* que conhecemos a continuidade da história de Jason, de *O som e a fúria*. As transformações foram acontecendo, o que evidencia o que temos caracterizado, referente ao condado de Yoknapatawpha, de um mundo social em mutação. A morte de Flem foi imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, pois foi logo após ela que Mink, seu primo que ficara na prisão por 38 anos, por culpa de Flem, saíra da prisão, com a ajuda de Linda, filha ilegítima de Flem. Ele saiu com um único grande objetivo: matar Flem.

A saga do condado de Yoknapatawpha: enraizamento na história do Sul dos Estados Unidos

Feita essa exposição, devemos retomar uma questão que destacamos na introdução deste artigo: a saga do condado de Yoknapatawpha como possibilidade de apreensão da sucessão do tempo, bem como sua relação com o desenvolvimento histórico do Sul dos Estados. Os livros de William Faulkner que foram selecionados demonstram a formação de cidades e a ascensão e a

queda de grandes famílias; portanto, mais que nunca é a representação da sucessão da vida através do tempo. Vimos que essas questões não estão desvinculadas da experiência prática, dos acontecimentos históricos relacionados aos Estados Unidos de um modo geral e ao Sul em particular.

Vimos anteriormente, de acordo com Ricoeur, que toda composição literária, mesmo que seja inovadora – experimental no que diz respeito à nossa experiência temporal –, possui a tessitura da intriga enraizada numa pré-compreensão do mundo e da ação. E relacionadas a essa pré-compreensão estão as suas estruturas inteligíveis, as suas fontes simbólicas e o seu caráter temporal.

Quando falamos em ação, falamos em fins e estes remetem a motivos que evidenciam por que alguém fez ou faz alguma coisa. Se mencionamos alguém, é porque, para a concretização da ação, é preciso que haja agentes. Nesse sentido as perguntas “por quê?” e “quem” são complementares. Estas são estruturas inteligíveis tanto para o escritor quanto para os leitores.

Se tomarmos cada obra que compõe a saga do condado de Yonapatawpha isoladamente, veremos que cada uma possui uma tessitura da intriga e cada uma consegue evidenciar que a intriga está enraizada numa pré-compreensão do mundo e da ação. Entretanto, nesse caso, queremos considerar a saga como um todo e assim serão importantes as ações que envolvem não somente indivíduos, mas as dos grupos que estão inseridos no condado. Sendo assim, vemos que os fins e os motivos que evidenciam por que alguns homens, dentre eles, escoceses, quiseram adquirir lotes de terra no Sul dos Estados Unidos, já estão presentes na experiência prática da história do Sul dos Estados Unidos, nível de mimese I, e a tessitura da intriga da saga está enraizada nessa experiência. A história das famílias que compõem o condado de Yoknapatawpha está ligada à história dos nativos Chickasaw. Percebemos que os motivos dos brancos era a aquisição de terras para construir seus impérios econômicos e foi o que fizeram as famílias Compson, Sartoris, McCaslin, Sutpen. Os agentes são essas famílias que agiram e sofreram em determinadas circunstâncias. E a ação deles pressupõe a presença do outro, os nativos, o que resultou numa interação.

Para se estabelecer uma relação entre a compreensão narrativa e a prática é preciso analisar outra relação: a existente entre teoria narrativa e a da ação. Essa relação é dupla, pois simultaneamente é uma relação de pressuposição e de transformação. A narrativa da saga pressupõe por parte dos vários narradores e dos seus leitores a familiaridade com os termos agente, fim, meio, circunstância, socorro, hostilidade, cooperação, conflito, sucesso, fracasso etc., porque esses termos dizem respeito à experiência prática de vida. Por isso toda narrativa pode ser expressa na forma X fez algo a Z, ou seja, Ikkemotubbe, um rei americano, doou parte de suas terras a Jason Lycurgus Compson. O resultado dessa ação está relacionado ao agir e o sofrer humano e, no caso da ficção, tanto sofreram os descendentes do rei americano quanto os descendentes dos Compsons.

Mais que o conhecimento da ação que é familiar aos narradores e aos leitores, a narrativa acrescenta a essa seus traços discursivos. É a utilização desses traços que caracteriza a narrativa e a distingue de sequências de frases de ação. Esses traços estão ligados à sintaxe da narrativa e não à semântica da ação. A história narrada na saga poderia ser contada das mais diferentes formas, pois os termos relativos às ações da saga, ordem paradigmática, poderiam ter sido combinados, ordem sintagmática, numa longa sequência cronológica em uma obra apenas, em duas ou em três. Mas, ao contrário, as ações não foram organizadas cronologicamente e estão narradas em mais de dez obras que não apresentam nenhuma sequência de leitura, mas são independentes. Assim, o que tinha significação limitada na ordem paradigmática adquire nova significação a partir do encadeamento sequencial da intriga. Além disso, histórias tão heterogêneas como são as histórias das mais distintas famílias, Sartoris, Compsons, Sutpen, Snopes, convergem entre si e “operam conjuntamente em totalidades temporais efetivas” (RICOEUR, 1994, p. 91). Desse modo fica evidente por que a relação existente entre a teoria narrativa e a da ação é uma relação de pressuposição e de transformação, ou seja, o conhecimento da trama conceitual é pressuposto e na combinação sintagmática a tessitura da intriga pode sofrer inúmeras transformações.

Ainda o que sustenta a relação entre a composição narrativa e a compreensão prática são os recursos simbólicos. O fato de a ação poder ser narrada deve-se ao fato de ela ser sempre “simbolicamente mediatizada” (RICOEUR, 1994). O caráter público do termo símbolo presume que a significação da ação é compreensível aos agentes dos relacionamentos sociais. Isso significa que a mediação simbólica, antes de aparecer na obra, já existe na compreensão prática. Os símbolos, portanto, são importantíssimos para a compreensão das ações. Assim fica compreensível por que a derrocada moral final da família Compson está relacionada à gravidez de Candace, Caddy, fora do casamento, pois, no Sul, era inadmissível que uma jovem não fosse virgem.

A derrota da causa sulista na Guerra de Secessão não causou danos à produção literária como causou para a história político-econômica do Sul, pois a Guerra não conseguiu destruir o mito do cavaleiro do Sul que já havia se consolidado na tradição literária. As raízes desse mito estão fincadas no solo dos primeiros estabelecimentos coloniais, fundados com a vinda dos adeptos dos reis Stuarts. Eles exilaram-se na Virgínia. Em se tratando de um processo de colonização, os conflitos vivenciados na Inglaterra no século XVI tiveram continuidade no Novo Mundo. Assim, mesmo num mundo fundado pelos ideais de igualdade, permanecem os valores de superioridades aristocráticos.

Nesse caso, os códigos culturais regulamentam as ações e, de acordo com as regras de comportamento, as ações dos indivíduos são apreciadas ou reprovadas. Os ideais puritanos dominavam o sul protestante, o que significa dizer que a convenção simbólica do Sul era norteadada pelo código protestante e, nesse sentido, é compreensível o quanto as ações de Flem Snopes são repudiadas pelos habitantes de Jefferson. Ele frequentava a igreja e queria ser um homem respeitado, mas suas ações eram reprovadas e, assim, era considerado um homem mau.

A população das colônias na América do Norte era formada por diversos tipos de colonos: aventureiros, órfãos, membros de várias seitas religiosas, mulheres sem posses, crianças raptadas, negros, degredados, comerciantes etc. Entretanto, não se pode negar a força do grupo puritano. A

esse grupo está relacionada a crença da constituição de uma nova Canaã por um novo povo eleito por Deus. Além disso, não se pode menosprezar a importância desse grupo na educação. Com vistas a uma formação religiosa sólida, caracterizada pelo conhecimento da Bíblia, a educação desenvolvida pelos puritanos contribuiu fortemente para o desenvolvimento da nação. Em todos os documentos sobre educação fica evidente que, do ensino básico ao superior, o conhecimento da Bíblia orientou todo o projeto educacional das colônias inglesas. Seria a religião a grande meta da educação e seria ela que daria à educação o último grau de perfeição. Com o incentivo à leitura individual da Bíblia, não é difícil observar que os valores puritanos tiveram muita força nos Estados Unidos, especialmente no Sul, pois os negros, ansiosos por viverem num mundo livre e justo, abraçaram o Evangelho. As personagens Nancy, de *Réquiem por uma freira*, e Dilsey, de *O som e a fúria*, podem evidenciar isso nos limites da ficção, ou seja, no nível de mimese II. De acordo com O'Connor, dados estatísticos nos Estados Unidos demonstram quais são os grupos protestantes mais numerosos no Mississippi: primeiro os Batistas, posteriormente, os Metodistas e, por fim, os Presbiterianos.

Os caracteres temporais são o terceiro traço de pré-compreensão da ação que a obra pressupõe. A narrativa evidencia traços temporais e, nesse ponto, retomamos a estrutura discordante-concordante de Santo Agostinho, que está relacionada ao tríplice presente. Essa estrutura temporal faz parte da prática cotidiana e o modo como a obra articula-a de forma sucessiva foi o nosso objetivo neste artigo. Vimos que o processo histórico do Sul dos Estados Unidos pode ser apreendido nos limites da ficção de Faulkner. Entretanto, devemos ressaltar que essa sucessão é uma construção do leitor, visto que os acontecimentos não são apresentados em ordem cronológica.

Considerações finais

O grande sentido da mimese I é pré-compreender o que ocorre no mundo prático e isso significa compreender a sua semântica, a sua simbólica e a sua temporalidade. Depois de feita essa compreensão é que a tessitura da intriga é construída e, portanto, a mimética textual. Assim o que Faulkner

configurou na saga do condado de Yoknapatawpha já figurava no Sul dos Estados Unidos.

A biografia de Faulkner, escrita por David Minter, e intitulada *William Faulkner, his life and work* (1992), foi construída com base no pressuposto de que há uma relação estreita entre Faulkner, o artista, e sua obra: “I try, therefore, to present his life as a life of writing and his art as a writing or reconstituting of his life”¹² (MINTER, 1982, “Prefácio”). Não percorreremos o estudo de Minter, mas devemos destacar, nessas considerações finais, como ele evidencia o interesse que Faulkner tinha pela história do Sul, bem como pela de sua família, visto que ela fazia parte da aristocracia destronada pelos capitalistas que foram gradativamente assumindo o comando da região, especialmente depois da Guerra Civil Americana que assolou o Sul. Diz Minter (1982, p. 3): “For Faulkner as for Nathaniel Hawthorne, the story of region was inseparable from the story of family.”¹³

Na concepção de Faulkner, a tradição do artista, da região, do povo não pode ser desprezada no momento da composição da obra. Daí o seu compromisso com a história do Sul. Outro fragmento de Minter (1982, p. 79) converge para o que pensamos acerca da relação da obra de Faulkner com a história do Sul dos Estados Unidos:

From his own experience and from his early reading, Faulkner had absorbed a fundamental tension between familial, social, and historical forces as they bear down on individual life; and individual needs and desires both as they inspire action and as they shape the structures of the imagination.¹⁴

Em função dessa absorção, Faulkner fez intensos estudos sobre o Sul, sobre suas tradições, sobre sua história, fato que reforça a pré-compreensão

¹² “Eu tento, portanto, apresentar sua vida como um viver dedicado à escrita, e sua arte como a escrita ou a reconstituição de sua vida.”

¹³ Para Faulkner, assim como para Nathaniel Hawthorne, a história regional era inseparável da história familiar.

¹⁴ A partir da sua própria experiência e de suas primeiras leituras, Faulkner tinha absorvido uma tensão fundamental entre forças familiares, sociais e históricas, quando elas ameaçam a vida pessoal; e necessidades individuais e desejos, da mesma forma, inspiram a ação e modelam as estruturas da imaginação.

que teve sobre os acontecimentos no Sul, no que diz respeito tanto aos acontecimentos familiares quanto aos sociais e históricos.

Bibliografia

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1992.

FAULKNER, William. **Réquiem para uma freira**. Trad. Luis de Sousa Rebelo. Lisboa: Fólio, 1958.

_____. **Os invencidos**. Trad. Abel Marques Ribeiro. Lisboa: Editorial Minerva, 1960.

_____. **O povoado**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1997a.

_____. **A cidade**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1997b.

_____. **Absalão, Absalão**. Trad. Sônia Régis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981a.

_____. **Desça, Moisés**. Trad. Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1981b.

_____. **Sartoris**. Trad. José Luis López Muñoz. Barcelona: Seix Barral, 1985. (Obras Maestras de la Literatura Contemporánea).

_____. **A mansão**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1999.

KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

MINTER, David. **William Faulkner his Life and Work**. London: The Johns Hopkins University Press, 1982.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.

_____. **Tempo e narrativa**. Tomo II. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.